

Versão Nacional

Senado

Novos riscos após Freyre

Rio — O erro de avaliação que o governo cometeu no Senado, subestimando uma possível mudança da atual relação de forças, poderá ter consequências mais drásticas, caso os mecanismos de negociação do poder não entrem em ação nas próximas horas, uma vez que existem mais dois senadores descontentes com o PDS e é mais um que não se afina com o partido.

Depois da defecção do senador Luiz Fernando Freyre, esses problemas passaram a ter um contorno de crise, porque os demais descontentes se sentiram estimulados a por fora as suas razões, lançando sinais na direção dos outros partidos que nesse momento estão na vigília da atração de pareceres pedessistas.

Assim é que o senador Luiz Cavalcanti, que há muito tempo não vê espaço dentro do governo para atuar com sua notória independência, é um nome possível de se reengajar em outra legenda. É o exemplo mais clássico e antigo de um descontente que só permanece por razões éticas, dado que o senador alagoano, sabidamente, cultiva os valores morais.

O matogrossense Vicente Vuolo é outro descontente, a se considerar também sem espaço no PDS mas, por motivos diversos, esses de natureza político-eleitoral, já que é candidato a governador em Mato Grosso do Norte e se sente interessado pela candidatura concorrente do senador Benedito Canellas, ligando ao novo governador Pedro Pedrossian, que ainda exerce influência na parte norte do Estado. A solução para Vuolo seria emigrar para não ser cristianizado. Mesmo para a reeleição ao Senado, ele temeria por seu futuro, posto que o governador Pedrossian irá jogar tudo para apoiar a candidatura do atual embaixador Roberto Campos.

Além desses dois políticos sem ambiente no PDS, há um outro, o potiguar Martins Filho, que estaria se sentindo como peixe fora d'água na legenda governista, jamais tendo sido ligado ao esquema oficial e estando mais predisposto a seguir no Rio Grande do Norte a corrente do ex-governador Aluizio Alves, hoje no PP.

Esses problemas existem, não se tratando das ficções decantadas pelo senador José Sarney em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras como um ingrediente da ação política. Para o governo, porém, essas realidades lhe poderão custar muito em termos de modificação do atual panorama, em que a maioria no Senado é garantida por apenas cinco votos.

O citado senador José Sarney, após a consagração recebida em sua posse na Academia, volta a Brasília com responsabilidades reais de deter essa diáspora dentro da bancada do PDS no Senado. Não é um problema da liderança do governo na Casa, mas um efetivo problema de

poder, uma vez que está dada a largada para a campanha de 82, e todos os movimentos se fazem em torno desse objetivo, a começar pela alteração de forças na própria terra do senador Sarney.

No Maranhão, com efeito, a corrente do senador Luiz Fernando Freyre é muito pequena, se considerada apenas como residual do "vitorinismo". No entanto, se agregada a outras forças estaduais que não seguem o bloco liderado pelo senador Sarney, o grupo dissidente cresce, e revela a perspectiva concreta de deixar o PDS e ir se hospedar em outra legenda, como o PP e, até eventualmente, o PMDB.

Nessa hipótese, estão o ex-governador Nunes Freyre e o Sr. Lourenço Vieira da Silva, ex-presidente do INCRA e hoje integrante da alta assessoria do Ministério das Minas e Energia. São dois chefes de fila de prefeitos, deputados, estaduais e vereadores, a constituírem uma malha de votos no interior maranhense e na própria ilha de São Luís.

De resto, o próprio Sarney não estaria assim tão motivado para ser o operador principal da aglutinação política do PDS, pois, em conversas privadas, ele tem demonstrado um certo desalento com o quadro político-partidário, em termos do que é reservado ao PDS. Suas pretensões a ministro da Justiça, impossibilitadas pela preferência ao nome do então deputado Ibrahim Abi-Ackel, e mais recentemente os indícios de que disputaria a presidência do Senado, deixando a presidência do partido, fornecem elementos claros do estado de espírito do senador.

A pessoas mais próximas, ele que é normalmente discreto, Sarney, inclusive, demonstrou que a implantação do voto distrital — ou «distritão» — deveria ter sido providenciada há mais tempo, na época do «pacote de abril», pois, agora, haverá riscos crescentes de sua inviabilização. Até mesmo por razões práticas, o senador maranhense mostra que deveria ter ocorrido essa antecipação, pois, em seus cálculos, a diferença de deputados do governo para os da oposição na Câmara teria sido de 130, e não na estreita margem de 44, após as eleições de 78, caso houvesse o voto distrital.